TL5101

ONGD

COMISSÃO PERMANENTE

NOTA SOBRE O ENCONTRO DE ONG PORTUGUESAS COM O COMANDANTE XANANA GUSMÃO

em Lisboa, a 2 de Outubro de 1999

Introdução

Desde o início da preparação do seu programa em Lisboa que o Comandante Xanana Gusmão tinha transmitido às autoridades portuguesas o seu desejo de se encontrar com as ONG portuguesas que, durante anos, tinham apoiado a luta do povo de Timor-Leste. Mas as ONG ouviram falar dessa possibilidade, pela primeira vez, poucos dias antes da realização da visita, através da comunicação social.

Os convites foram feitos pela representação do CNRT em Lisboa, praticamente nas vésperas da chegada de Xanana Gusmão, pois as questões de segurança impuseram uma série de condicionantes e obrigaram a frequentes mudanças no programa, até ao último momento.

A delegação era composta por 12 pessoas, das seguintes ONG: A Paz é Possível em Timor-Leste, Acção Jovem para a Paz, Associação 12 de Novembro, Associação Olho Vivo, Centro para a Cidadania Timorense, Comissão para os Direitos do Povo Maubere, Paz e Justiça para Timor-Leste e Plataforma Portuguesa das Organizações Não-Governamentais para o Desenvolvimento.

O encontro estava marcado para as 10.30h, mas começou uma hora mais tarde. Ao fim de 50 minutos foi necessário fazer uma interrupção, pois o encontro seguinte não podia ser adiado e já estava demasiado atrasado. Verificada a agenda, Xanana propôs-se aproveitar um "furo" ao fim da tarde para completar a conversa. Voltamos assim a ver-nos entre as 18.40h e as 19.45h, sensivelmente.

Resumo do encontro

Depois dos cumprimentos, que deu a cada um ocasião para umas breves palavras de apresentação e saudação, o Comandante Xanana Gusmão dirigiu-se aos presentes, durante cerca de 25 minutos, de uma forma muito sentida e comovida. De pé, recordou os tempos em que estava no mato, enquanto comandante das FALINTIL, no maior isolamento face ao exterior, cheio de interrogações sobre a melhor estratégia a seguir, com uma enorme necessidade de informação, de troca de ideias, de desejo de compreender o que se passava no mundo, nomeadamente quanto à percepção que havia, fora do território, da luta que se travava lá dentro. Nessa altura, disse, "o mato era completamente diferente do que é hoje. Hoje o mato foi invadido pelas telecomunicações, pela comunicação social. Então era inimaginável alguém telefonar de uma prisão para o mato".

Plataforma Portuguesa ONGD

Rua Pinheiro Chagas, 77 - 2º Esq. - 1069-069 - Lisboa - Portugal - Telefone: 355 14 56 Fax: 355 14 57 E-Mail: plataformaongd@esoterica.pt

Durante mais de dez anos (desde que assumiu o comando da luta, em 1981, até à sua prisão, em Novembro de 1992), tudo foi extremamente difícil, incluindo as relações com a Resistência no exterior. Nessa conjuntura, os ecos que chegavam das ONG foram preciosos: "às vezes com um atraso de 1 ou 2 anos, às vezes a partir de 2 folhas de papel num conjunto de 5, tentavamos reconstituir o que se passava fora, a percepção que tinham de nós, os passos que podiamos dar. Os documentos que recebiamos das ONG eram um alimento nosso. Vocês também nos ensinaram a conhecermo-nos melhor a nós mesmos, a compreender a luta".

Era igualmente uma conjuntura difícil para Portugal, isolado na cena internacional quando começou a querer romper o cerco. "Acompanhamos os vossos esforços para tornar Timor-Leste uma questão nacional".

A seguir a esta longa declaração, as atenções dirigiram-se para as realidades do presente e do futuro. De acordo com ideias previamente trocadas, colocaram-se ao líder da Resistência algumas questões sobre necessidades e prioridades para a reconstrução. Xanana reafirmou 2000 como "o ano da emergência", destinado a colmatar as carências graves de assistência médica e alimentar e a reabilitar os serviços básicos. Será também o ano da adaptação dos timorenses ao trabalho conjunto entre si, a partir dos pontos de referência diferentes de cada um (os que se mantiveram em Timor, os que estudaram ou trabalharam na Indonésia, os que sairam para o exterior, quer seja a Austrália, Portugal ou outros países, os que lutaram na clandestinidade, os que participaram nas FALINTL, os que serviram na administração indonésia...). "É preciso ultrapassar o processo dos últimos anos e dos últimos meses, que foi tão difícil e enquadrarmo-nos numa nova visão do futuro; passamos agora do sonho que foi a independência para a participação na sua construção".

"Não se sabe ainda quantos quadros perdemos, onde se encontram os que estão vivos". O comandante falou da situação dos campos de refugiados e deportados, da urgência em garantir condições (segurança, pressão constante sobre a Indonésia, meios de transporte) para o seu rápido retorno a Timor-Leste. Referiu também o perigo em que se encontram os milhares de timorenses (entre eles, cerca de 4.000 estudantes) que vivem na Indonésia e as dificuldades para encontrar na região países de acolhimento. A uma pergunta concreta sobre se poderiam vir para Portugal, Xanana respondeu que não estava a considerar essa hipótese, pelo facto de ser muito longe, de ficar muito caro e de se prever que esta seja uma situação provisória.

Relativamente à reintrodução em Timor-Leste do Português, Xanana disse que o preocupava mais a aprendizagem dos adultos (os vários grupos de adultos, que será necessário identificar) do que o começo do ensino da língua às crianças, a partir da escola. Falou da sensação que tem quanto a uma tendência para um maior desprezo do bahasa indonesia, como consequência da violência desmedida dos militares. Afirmou que quase toda a formação (em geral) dos timorenses deveria ser realizada no país, mas que a capacidade para receber quadros estrangeiros era praticamente nula no momento, por falta de alojamento, nomeadamente hotéis. Questionado sobre se era mais importante para um futuro cooperante aprender a falar tetum ou bahasa indonesia, Xanana explicou que cada uma destas línguas tem um papel diferente (a primeira mais informal, próxima das pessoas e do dia-a-dia, a segunda mais formal e com mais capacidade de expressão de determinados conceitos).

A uma questão colocada sobre a relação entre reconciliação e justiça, o líder da Resistência precisou que, para ele, "unidade nacional quer dizer a inclusão de todos os que aceitaram os resultados da consulta popular". Quanto aos que cometeram crimes, o seu pensamento estava a mudar: há algum tempo pensava que não se deveria ter outra atitude senão a de os aceitar como parte da comunidade, incentivando-os a nela confiarem, mas agora pensava que os responsáveis pela violência deveriam

assumir publicamente os seus actos perante o povo, para que então pudesse ter lugar a reconciliação. De passagem, Xanana mencionou a experiência da África do Sul e da Comissão Verdade e Reconcilição.

Quanto ao impacto da Ajuda na reconstrução do país, Xanana falou nos "perigos da dependência", na necessidade de formação da juventude "politicamente impreparada" pelo facto de ter baseado a sua vida, até aqui, no mero activismo e referiu que "a sociedade timorense está corrompida pela Indonésia", pelo que "muitos têm de aprender, outros têm de se emendar". Nesta fase, muitas pessoas não sabem como podem avançar, porque não sabem qual o seu lugar num novo quadro. A transformação tem de se dar pela passagem "do activismo para a interpretação profissional", tema repetido várias vezes, mesmo em relação ao que se espera da solidariedade, das ONG, no futuro: "pôr os braços à altura do voo do pensamento, não apenas sonhar, mas agir".

Luísa Teotónio Pereira
Lisboa, 18 de Outubro de 1999